

Documentário “A Macau de Manuel Vicente”



Documentário sobre “A Macau de Manuel Vicente” produzido em 2011 pela “João Carreiro - Associação Cultural” (Rosa Coutinho Cabral), encomendado pela RTP 2 e que, devido à importância, valor arquitectónico e interesse da obra do arquitecto Manuel Vicente, obteve apoio financeiro da FJA.

O suporte do documentário é uma entrevista dirigida pelo Manuel Graça Dias, com o óptimo conversador que é Manuel Vicente, gravada em Lisboa, entrecortada por depoimentos vários de familiares, amigos, investigadores, arquitectos (em Portugal e em Macau), ou simples utilizadores dos diferentes edifícios e ilustrada por imagens das obras referenciadas, descobertas com Manuel Graça Dias na cidade de Macau.

“A cidade que Manuel Vicente recorda ou sonha: vista das montanhas da província chinesa fronteiriça, vista da Ilha da Taipa; vista do rio das Pérolas; vista do céu...”

Os sítios, que não se esgotam, nem esgotam a cidade: muito gente, muitos cheiros, muitos ruídos...

A arquitectura pré-existente, que recebe a intervenção do arquitecto Manuel Vicente: o seu pensamento sobre o desenho das cidades e dos sítios...

A recepção que despoleta a sua obra em Macau: o que nos dizem os habitantes...

A obra que inventou e produziu: viagem pelos edifícios, com o seu pensamento ...

Outros olhares sobre o arquitecto: encontro com amigos, familiares e pessoas que trabalharam em Macau com Manuel Vicente. ...”

“A obra de Manuel Vicente é assim o vínculo estético que orienta este documentário, face à liberdade criativa dos objectos arquitectónicos e urbanos que projectou e construiu. Dada a relação única que existe entre a arquitectura e o cinema, dela derivam as oscilações estéticas da câmara:

O Chamado Bird View, é muito entusiasmante, porque nos mostra e revela uma cidade cheia de gente ...

A câmara à OZU, revela-nos este outro espaço orientalmente habitado em que os níveis do chão são tão importantes...

Visto de cima, revela-se a densidade da cidade; em baixo, as torres que se erguem, quase sem limite, de uma desproporcionalidade pouco humana.

Em Fai Chi Kei, por exemplo, o contre-plongé parece o mais indicado “...para desocultar centenas de grades e janelas todas diferentes de cores distintas, num só edifício.

A montagem final traduz dinamismo e agilidade na junção dos materiais de modo a servir os propósitos de compreensão das temáticas abordadas sem, no entanto, deixar de acompanhar, com tempo, atenção e rigor, os objectos arquitectónicos visitados.”